



Antíteses

ISSN: 1984-3356

[hramirez1967@yahoo.com](mailto:hramirez1967@yahoo.com)

Universidade Estadual de Londrina

Brasil

Teté Ramos, Márcia Elisa

O estudante de Ensino Médio nas comunidades virtuais "eu amo história" e "eu odeio história" e uma questão antiga: para quê serve a história?

Antíteses, vol. 5, núm. 10, julio-diciembre, 2012, pp. 665-689

Universidade Estadual de Londrina

Londrina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193325796009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

The logo for Redalyc.org, featuring the text 'redalyc.org' in a red, lowercase, sans-serif font, with a small red graphic element resembling a stylized 'r' or a drop.

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

***O estudante de Ensino Médio nas  
comunidades virtuais “eu amo história”  
e “eu odeio história” e uma questão  
antiga: para quê serve a história?***

***High school students in virtual communities: “I love history”  
and “I hate history” and an old question: what to serve the  
history?***

Márcia Elisa Teté Ramos<sup>1</sup>

**RESUMO**



Problematiza o que os alunos de Ensino Médio (14-19 anos) pensam sobre a história e o ensino de história em um espaço virtual. A partir do Orkut, rede de relacionamentos virtuais, investiga as comunidades virtuais vinculadas à discussão sobre a história e seu ensino, destacando os comentários postados em fóruns (instância de debates de determinado tema). Discute a natureza das fontes virtuais e justifica a sua utilização como material de pesquisa histórica. Considera as novas formas de se pensar a realidade no construto identitário/comunitário do sujeito que vivencia a cibercultura e logo após, destaca o significado que os internautas imprimem à história e ao seu ensino, em especial, o “sentido prático” deste campo de conhecimentos e/ou disciplina escolar.

*Palavras-chave: Ensino de História. Comunidades Virtuais. Ensino Médio. Juventude. Cultura Midiática.*

**ABSTRACT**

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina, professora do mestrado em História Social.



This article problematizes what high school students (14-19 years old) think about history and his teaching in a virtual space. From Orkut, virtual network of relationships, investigates virtual communities related to the discussion of the history and his teaching, privileging the comments posted on forums (place to debates about the subject). Discusses the nature of the virtual sources and justifies its use as material for historical research. Considers the new ways of thinking about the reality and construction of identity/community of the subject who experiences cyberculture and after this, highlights the significance that netizens place on history and his teaching, in particular the "practicality" of this field of knowledge and/or school discipline.

*Keyword: History teaching. Virtual communities. High School. Youth. Media Culture.*

## ***Introdução***

Com o advento da *internet 2.0*, muitas áreas do conhecimento tem buscado compreender seu efeito nos usuários, em especial, nos chamados "adolescentes". Algumas conclusões são recorrentes e espraiam em todas as esferas da sociedade, incluindo a acadêmica. Segundo um levantamento realizado por Don Tapscott (2010) sobre a bibliografia que trata do assunto, argumenta-se que tais sujeitos teriam se tornado menos inteligentes (devido ao crescimento de alunos diagnosticados com transtorno de *déficit* de atenção e o fato de que, em geral, não sabem escrever e/ou argumentar), antissociáveis (pois preferem a *internet*), narcisistas (disponibilizam todo tipo de informação pessoal, descrições sobre si, além de fotos e filmes sobre si), desinteressados da escola e da política (rejeitam entrar no mundo adulto, não leem jornais, por isso não sabem o que acontece em derredor), violentos (devido aos jogos eletrônicos que virtualizam grupos sempre em disputa). Acrescento que, em geral, se vê o chamado "adolescente" como estando à deriva, sem perspectiva de futuro, desinteressados da escola, e, principalmente, da aprendizagem da história.

Alguns pesquisadores, contrapondo-se a esta vertente acima mencionada, como Pierre Lévy, veem o mundo virtual como capaz de confrontar os discursos totalizantes e como perspectiva de um futuro mais democrático e justo, na medida em que promoveria a interação no campo da reflexão e da ação. Nesta perspectiva, se ressaltam movimentos sociais originados nas redes sociais, ou seja, partindo de um sistema colaborativo não presencial, determinadas informações se espalham, promovendo uma intervenção na realidade de forma prática.

Foi assim que no Chile em maio de 2006, só para citar um exemplo entre muitos<sup>2</sup> mais de 600 mil estudantes secundaristas protagonizaram o que ficou conhecido como Revolução dos Pinguins (referência ao uniforme dos mesmos). Eles ocuparam suas escolas por discordar dos encaminhamentos dados pelo governo do país em relação à educação, reivindicando educação pública, gratuita e de qualidade. Além da ocupação física do espaço escolar, comunidades virtuais, *blogs* e *fotoblogs* ajudaram a dar o caráter nacional e descentralizado das manifestações que atingiram a capital Santiago e outras cidades como Valparaíso, Arica, Iquique, Concepción, Temuco e Puerto Montt.

O que está descrito no primeiro parágrafo deste texto nos remete ao que nós, adultos, costumamos pensar sobre os jovens e/ou “adolescentes”, nomeando este Outro de forma pejorativa e anistórica. Somando-se a essa mentalidade em relação ao “adolescente”, o fato de que toda vez que uma transformação tecnológica no que diz respeito às mídias se interpõe, a tendência é de considerá-la prejudicial e alienante. Foi assim com a TV e mesmo com o livro. No entanto, os exemplos aqui mostrados nos faz ver que a “alienação” dos jovens precisa ser revista. Por outro lado, um rápido acesso às comunidades do *Orkut* nos revela que “Eu odeio o(a) professor(a)...” ou “Eu odeio crente”, ou ainda, “Toda sala tem uma menina feia” (com 1.134 membros)<sup>3</sup>, são temas constantes. Talvez se subestime que as comunidades virtuais nem sempre tem motivos éticos e justos, que o *cyberbullying* é uma constante e o preconceito (quanto à etnia, gênero, classe, religião, etc.) possa se alastrar de forma assustadora no ambiente virtual, e que, por isso mesmo, Pierre Lévy pode ter sido ingênuo ao pensar que a cibercultura produz uma “inteligência coletiva” (e jovem) capaz de mudar o mundo para melhor.

---

<sup>2</sup> A comunidade no *Facebook* “Um milhão de vozes contra as FARC” criada pelo colombiano Oscar Morales revoltado com o fato de as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia terem assassinado 11 parlamentares colombianos após tê-los sequestrados. A comunidade tingiu 260 mil membros em poucas semanas, resultando, no dia 4 de fevereiro de 2008, em protestos simultâneos em 27 cidades da Colômbia e em 104 grandes cidades em todo mundo, reunindo 4,8 milhões de pessoas em 360 passeatas (TAPSCOTT, 2010, p. 79). Na saída de Hosni Mubarak da presidência do Egito em 2011, *sites* de redes sociais como *Facebook* e *Twitter* serviram como ferramentas essenciais para as pessoas, em especial, os jovens, que queriam derrubar o ditador. No Brasil, quando alguns políticos tentaram impedir a votação em caráter de urgência do projeto de lei “Ficha Limpa”, foi em redes de relacionamento que uma petição formulada pelo Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE), com 1,6 milhão de assinaturas em setembro de 2009 e mais 2 milhões em maio de 2010 conseguiu mostrar a vontade popular em combater a corrupção e contribuir para que tal projeto fosse votado e aprovado por unanimidade no Congresso Nacional (GUZZI, 2010, p. 37).

<sup>3</sup> Nesta comunidade, solicita-se em um dos *fóruns* dizer o nome da menina mais feia: “Qual o nome dla?”. Além do nome, os internautas comentam em 78 postagens: “Ela é uw cão comendo JACA !!!!!!!!!!! Os dentes dela são pra fora , e ela tem um bafo de CEBOLAAAA, PUs num conheço ninguem mais feia q ela !!!!!!!!!!!” (01/08/2007); “o nome dela e [nome] nuss ela e mtu canhao ,ela parece que nao toma banho e vai com a roupa toda suja kkkk ela tem uma verruga do lado da boca huahsuahsuasha kkkk” (03/05/2011); “[nome] , Ela parece um rato kkkk” (21/02/2012). (Vou manter a disposição textual das narrativas no decorrer do texto dissimulando apenas as palavras que podem ser consideradas “obscenas” e/ou muito vulgares).

Além da ideia dos efeitos nocivos ou não da *internet* sobre o “adolescente”, autores de diferentes vertentes teóricas concordam com o fato de que o jovem não se interessa pela história, como é o caso de Hobsbawm pela crítica e Bauman pela constatação. Em trecho bastante citado, Hobsbawm (1995, p. 13) diz que: “Quase todos os jovens hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”. Para Bauman, qualquer conteúdo histórico é incapaz de despertar a atenção em um mundo de dissolução das identidades, dispersão das autoridades e “polifonia das mensagens de valor”. Para este sociólogo, o “pós-moderno” se caracteriza pela fragmentação da vida onde podemos “sentir o desmoronamento do tempo”, que então se transforma em um “tempo episódico”, e esse, dificilmente pode ser colocado em uma narrativa histórica coesa: “cada episódio tem apenas a si mesmo para fornecer todo o sentido e objetivo de que precisa ou que é capaz de reunir para manter-se no rumo e terminá-lo”. O reconhecimento de um presente instável faz com que todos os esforços ocorram no sentido de saber lidar com ele, e o passado termina por ser desprezado (BAUMAN, 2008, p. 163).

A partir destas considerações acima expostas, problematizo o que os sujeitos “adolescentes”, os estudantes de Ensino Médio pensam sobre a história e o ensino de história em um espaço hipermediático. A partir do *Orkut*<sup>4</sup>, rede de relacionamentos virtuais, ligado ao conhecido *website* de buscas *Google*, investigo as comunidades virtuais vinculadas à discussão sobre a história, destacando os comentários postados em *fóruns* (instância de debates de determinado tema) por jovens em idade escolar correspondente ao Ensino Médio (14-19 anos). Quando percebia que um internauta extrapolava esta faixa etária, não considerei a sua intervenção nas discussões. Sabemos da idade dos internautas, membros das comunidades virtuais “eu amo história” e “eu odeio história”, pelo perfil: existem campos como “geral”, “social”, “contato”, “pessoal” e “profissional”. Neste último campo, costuma-se colocar o nome do colégio onde se estuda. Os perfis mais simplificados também podem nos dar indícios sobre a idade (foto do perfil, álbum de foto, título de outras comunidades, etc.).

Selecionei as comunidades virtuais do *Orkut*, porque segundo o *website* *www.alexa.com* que mensura a navegação na *internet*, no Brasil o *Orkut* consta como o 31º *website* mais buscado. Porém, o *Orkut* é mais buscado pelos brasileiros (60,1%), enquanto 17,7% são indianos, 10,5% são japoneses e apenas 1,8% são americanos.<sup>5</sup> Embora alguns internautas estejam migrando do *Orkut* para outros *sites* de relacionamento social, como por exemplo, o *Facebook*, – que em nível mundial e em nível nacional é o primeiro *site* mais buscado –, uma parcela até então apartada da *internet* referente às classes sociais C, D e E vem superando a exclusão digital<sup>6</sup> e preferindo o *Orkut* por ter uma linguagem mais inteligível (PASSARELLI,

<sup>4</sup> Criado em 24 de Janeiro de 2004, seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten. Em 05 de abril de 2005 o Orkut ganha versão em português.

<sup>5</sup> Em 26 de setembro de 2012.

<sup>6</sup> O número de usuários da Internet cresce rapidamente. No início de 2009 correspondia a quase um quarto da população mundial. Ver as estatísticas fornecidas por [www.internetworldstats/stats.htm](http://www.internetworldstats/stats.htm).

2010, p. 71-72). Portanto, presume-se que o *Orkut* seja bastante utilizado pelo jovem estudante de Ensino Médio da escola pública.

Na primeira parte, discuto a natureza das fontes virtuais e justifico a sua utilização como material de pesquisa; na segunda parte, considero as novas formas de se pensar a realidade no construto identitário do sujeito que vivencia a cibercultura; logo após, destaco o significado que os internautas imprimem à história e ao seu ensino nas comunidades virtuais.

### ***As postagens no Orkut como fonte de pesquisa***

No campo da historiografia os documentos escritos eram privilegiados como fonte investigativa quando a escrita predominava como suporte das mensagens, porém, alarga-se a noção de fonte histórica, concomitante ao surgimento da primeira idade das mídias, com o cinema, a fotografia, a música, etc., e posteriormente, também com as mensagens televisivas (novelas, propagandas, telejornais, etc.). Agora, na segunda idade das mídias, com a cibercultura, a lógica seria considerar, por exemplo, as postagens em *blogs*, nos *chats*, ou nas comunidades virtuais como fontes para a pesquisa histórica. No entanto, como são fontes relativamente recentes, tem sido pouco utilizadas, ou mesmo cogitadas como fonte de pesquisa histórica, mesmo porque trazem a marca do presente, ou melhor, do instantâneo.

Não há como exigir ordem, estabilidade e previsibilidade de uma fonte que caracteriza a cultura de nosso tempo, que prima pela incerteza, instabilidade e imprevisibilidade, mas de partir do princípio que os comentários postados nos *fóruns* das comunidades virtuais significam um gigantesco acervo “aberto” e “móvel”. Algumas comunidades são deletadas, outras surgem, e da mesma forma, alguns comentários são postados e depois excluídos. Quando iniciei a pesquisa em 2010, as comunidades “Eu odeio geografia e história” e “Eu amo história do Brasil”, contavam com 7.490 membros e 6.356 membros respectivamente, mas foram canceladas em 2012. Prevendo que isso pudesse continuar acontecendo, precisei criar mecanismos para tornar este tipo de fonte “estável”, transformando sua natureza virtual, e, por isso, não as descarto na pesquisa.<sup>7</sup> Apesar da grande quantidade de membros de uma comunidade e de perguntas nos *fóruns*, são poucas as respostas, configurando-se assim uma amostragem que permite o seu estudo.<sup>8</sup> A metodologia utilizada fundamenta-se na busca de regularidades enunciativas, do potencial do não-dito e/ou do não-aparente e de estruturas traduzíveis em modelos nos “discursos” diversificados. Optei pela inteligibilidade do conjunto em detrimento das análises de detalhe, pelo fato de que nos interessa a dinâmica das postagens e não as minúcias da narratividade. Entretanto, algumas postagens, por expressar

<sup>7</sup> Para não perder as discussões, foi preciso que as fontes fossem “congeladas”, ou seja, fotografadas (Ctrl + tecla Print Screen) para análise, de forma externa à dinâmica do espaço virtual.

<sup>8</sup> Na comunidade “Eu amo história 2”, por exemplo, no fórum “Hitler”, apenas 22 das 32 respostas eram de jovens da faixa etária dos 14 aos 19 anos. Primeira postagem em 10/02/2006 e última postagem em 31/05/2012.

melhor o que se concluiu pelo conjunto das “falas” , serão tomadas para exemplificação das conclusões que cheguei.

Entendo que, embora tais fontes não possam fornecer o campo de estudo sobre um passado remoto, mesmo com toda a sua fluidez, trivialidade e intermitência, tem a capacidade de expressar a cultura da contemporaneidade, pois refletem quem são e o que pensam os sujeitos que vivenciam o século XXI. As comunidades virtuais, por exemplo, condizem com uma forma histórica específica de evidenciar a consciência histórica e/ou a cultura histórica de nossa época. Rüsen compreende que “cultura histórica” pode contemplar aspectos abrangentes em termos de valores e práticas, desde a pesquisa acadêmica até a criação artística, a memória histórica pública, as mensagens midiáticas, a aprendizagem histórica escolar e a extraescolar (RÜSEN, 2009, p. 1). Para o autor, “consciência histórica” refere-se mais aos aspectos subjetivos da explicação sobre o mundo e de si, mas não há como pensar uma “cultura histórica” sem subentender a apropriação que o sujeito faz de sua cultura, apropriação esta que abarca percepção, interpretação, orientação e intencionalidade (RÜSEN, 2009, p. 6). Por isso, são estes aspectos em relação à “consciência histórica” que procuro perceber nas postagens nas comunidades que “amam” ou “odeiam” história.<sup>9</sup>

As comunidades virtuais ligadas disciplina escolar de história são inúmeras, por isso, lançamos na busca de comunidades as palavras-chave “eu odeio história...” e “eu amo história...” tomando os cinco primeiros resultados apresentados (e que correspondem a uma classificação conforme quantidade de participantes, iniciando-se pela maior):

**Tabela 1** - Número de membros das comunidades virtuais pesquisadas (Fonte: Autora)

Comunidades que “odeiam”		Comunidades que “amam”	
Eu odeio aula de história	6.789	Eu amo história 1	9.734
Eu odeio professor de história	2.383	Eu amo estudar história!	3.250
Eu odeio aula de história	1.730	Eu amo história 2	1.292
Eu odeio história	288	Eu amo história e geografia	660

<sup>9</sup> Não objetivei tomar para a análise a tipologia de “consciência histórica” sugerida por Jörn Rüsen (tradicional, exemplar, crítica e genérica).

Eu odeio História!...	100	Eu amo história 3	234
	<b>11.290</b>		<b>15.170</b>
"Eu odeio geografia e história" (deletada)	7.490	"Eu amo história do Brasil" (deletada)	6.356
	<b>30.070</b>		<b>36.696</b>

Os números de participantes das comunidades mudam a todo o momento, mas podemos inferir pela nossa pesquisa que, se em 2010 tais números eram semelhantes entre aqueles que diziam "odiar história" e aqueles que diziam "amar história", hoje, vencem os que "amam a história". Tendo como referencial o que os próprios *orkuteiros* dizem, principalmente quando "odeiam" a história, estão se referindo à história ensinada, ou seja, à forma escolar da narrativa, do saber, do estudo da história. Um levantamento nos evidenciou que nos *fóruns* dessas comunidades existem alguns tópicos frequentes: porque (ama ou odeia a disciplina de história) e o quê (ama ou odeia em termos de conteúdo e metodologia referentes à disciplina da história). Sendo assim, ao invés de partirmos de uma problemática previamente construída, o teor das perguntas e das respostas dos *fóruns* nos direcionaram para o que poderia ser pesquisado e no caso, percebemos que poderíamos trabalhar a questão do significado, da importância, ou mesmo a "utilidade" que tais sujeitos dariam ao ensino de história.

As postagens expressam considerações espontâneas e devido à rapidez com que navegam, denunciando de um conhecimento tácito<sup>10</sup>, ainda mais por não existir um entrevistador, alguém solicitando respostas. Segundo Bourdieu (1997, p. 695), "é o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo" o que causa um desnível entre entrevistado e pesquisador, "uma dessimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente de capital cultural". Desta forma, sem um entrevistador ou moderador em um lugar de poder, sem a noção de que estão sendo sondados por internautas não membros das comunidades (como os pesquisadores), os comentários, as conversações impetradas nos *fóruns* ocorrem por vontade própria e são autorreguladas por códigos implícitos dos internautas membros.

<sup>10</sup> As protonarrativas, ou protoconhecimento, são conhecimentos ou saberes prévios ou tácitos: "... do latim *Tacitus* e quer dizer: sem ser expresso de um modo formal; que se subentende". Pensando tal palavra relacionada ao domínio da educação histórica, seria "o conhecimento que os alunos adquirem antes ou até mesmo depois do contacto com o ensino formal. É deste modo um conhecimento muito pessoal incorporado na experiência dos alunos, envolvendo factos, crenças, emoções, perspectivas, intuições e até habilidades" (BARBOSA, 2006, p. 10).

As postagens nas comunidades virtuais podem demonstrar uma perspectiva aparentemente dispersa, afinal, tais comunidades são apenas um dos pontos em que o “flanador” resolve pousar em meio à celeridade da “multidão” de *sites*. Argumenta Raquel Recuero, que nos *fóruns* se empreende uma comunicação assíncrona, ou, em outras palavras, a resposta não se apresenta de forma imediata como, por exemplo, no *MSN*, o que contribui para que as relações permaneçam esparsas, não traduzindo proximidade e intimidade. Contudo, mesmo não se produzindo “laços dialógicos”, mesmo que não se estabeleçam relações interdependentes ao ponto dos membros das comunidades virtuais se afetarem mutuamente, apenas o fato de pertencer a determinadas comunidades virtuais implica em uma relação social, então pautada em uma interação reativa. (RECUERO, 2010, p. 39-41). Algumas postagens demonstram que se teve um pouco mais de lentidão e reflexão para elaborar uma argumentação, ou seja, embora aconteça uma interação reativa, baseada em estímulos e respostas, isto não significa necessariamente que as comunidades virtuais se pautem apenas na fragmentação, superficialidade e irreflexão, o que tornaria inviável nossa pesquisa.

## ***As novas literacias na cibercultura***

Em meados de 1990, os primeiros internautas se impressionaram com a quantidade de informações disponibilizadas nos *sites*, com a facilidade de utilização dos mecanismos de pesquisas e com o correio eletrônico. A *web* torna-se gradualmente a partir de 2000-2001 em uma plataforma em que se podem compartilhar documentos, ter conversas telefônicas, interagir em *blogs*, *chats* e redes de relacionamentos, realizar *download* de filmes e de músicas, entre outros. A chamada *web 2.0* é um ponto de inflexão, de passagem para uma nova forma de utilização da *internet* que subverte a passividade do usuário frente às informações. Certamente o fenômeno da banda larga incentivou o usuário a estar sempre conectado e em interatividade. Os navegadores não são mais seres que “consomem sem reagir a informação que lhes é imposta nos sites mantidos por especialistas. Os usuários atuais propõem serviços, trocam informações, comentam, envolvem-se, participam” (PISANI; PIOLET, 2010, p. 16). Antes, na *web* “literalmente acentuada no texto fundador, era no fundo um conjunto de fragmentos de documentos relativamente estáticos”, depois, “a informação circula, o *site* é menos um destino do que um ponto de passagem” (PISANI; PIOLET, 2010, p. 62).

Os usuários hoje podem ser chamados de “*web* atores”, e não mais de “visitantes” ou “navegadores”, pois comentam, escrevem, discutem ou corrigem textos, propõem serviços, ou seja, produzem conteúdo. O *web* ator realiza mais ações de interação e intervenção fazendo dilatar a memória associativa, em um misto de atualização, recuperação e produção de significados. A memorização de trajetos para não se perder na significação do texto-primeiro, a escrita parecida com o falado, o uso de logogramas e abreviações, a constante execução de ações de selecionar, religar, sintetizar, comentar, fazer triagem, associar, exigem e produzem novas habilidades de escrita e leitura, – as novas “categorias intelectuais” (CHARTIER, 1999, p.

77) –, em que se sobressaem os princípios da indeterminação e da transitoriedade. O texto eletrônico por ser maleável, móvel, aberto, desterritorializado e incomensurável, faz com que os leitores enfrentem “o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis e materiais que lhes permitam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos” (CHARTIER, 2002, p. 23).

Essas novas “categorias intelectuais” podem ser entendidas através do conceito de “literacia digital” : habilidades em usar os recursos disponíveis na rede mundial de computadores e nos demais ambientes virtuais. São “habilidades motoras, abrangendo também as habilidades cognitivas, relacionadas com raciocínio, intelecto, capacidade de análise, avaliação e crítica, e as habilidades concernentes a interação pessoal” (CAPOBIANCO, 2010, p. 85). As literacias digitais não são competências apenas empreendidas quando no uso da *web*, mas que circulam amplamente na cibercultura, pois, a técnica, o suporte de significação não engendra apenas uma aplicabilidade instrumental, na medida em que são “entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos” (LÉVY, 2006, p. 16). Mesmo reconhecendo que parte da população ainda esteja excluída da segunda idade das mídias, os suportes de informação e da comunicação desenham um modo de experimentar, perceber, sentir e conhecer o mundo que impregnou a cultura, “modificando tanto o estatuto cognitivo quanto institucional das condições do saber e as figuras da razão” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54).

Sigo na direção de certos autores, como Jesús Martín-Barbero, Pierre Lévy e Roger Chartier já citados anteriormente, entendendo que, na cultura midiática, as novas sensibilidades, subjetividades e racionalidades, não são nem melhores e nem piores que as antes existentes: são apenas diferentes. Em nossa formação cultural, diante da profusão de estímulos, experiências e racionalidades, mudaram as maneiras de conhecer a realidade, do entendimento de si e de se posicionar diante dos outros, e estas novas “capacidades” se inscrevem com mais facilidade nos corpos e mentes “adolescentes” , enquanto que para o universo adulto ainda se apresentam incompreensíveis e/ou desviantes. Diz Martín-Barbero, que o adulto resiste a esta nova cultura porque muitas das suas habilidades e dos seus conhecimentos se tornaram obsoletos, porém, mais do que o jovem ter facilidade de uso das novas tecnologias audiovisuais e informáticas, ele tem uma “cumplicidade cognitiva e expressiva: encontram seu ritmo e seu idioma nos relatos das imagens dessas tecnologias” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 20). Da mesma forma, Marisa Vorraber Costa considera que a produção da imagem típica e essencialista em relação ao “adolescente” , ignora que características como a inquietude, a curiosidade, a impulsividade, a energia, a necessidade de explorar, ou mesmo de quebrar regras e normas, são “expressão e produto da era em que vivemos” , e este “adolescente” é “protagonista de um tempo/espço cada vez mais fluído, instável, matizado, rápido e desconcertante” (COSTA, 2008, p. 274). Nesta direção, concordo com Regina Magalhães de Souza que, como é no jovem que se “inpletam as mudanças” , desta forma, “estudar a juventude numa sociedade em transformação é, em última análise, estudar a própria mudança [sociocultural]” (SOUZA, 2003, p. 60).

Estas novas racionalidades podem ser vistas funcionando na cibercultura, em especial, em relação à noção sobre a identidade/alteridade. Quando se analisa as comunidades virtuais do *Orkut*, percebe-se um movimento tensionado/complementar da *valorização do "eu"*, – da necessidade de torná-lo público, defendê-lo, narrá-lo –, como também da *questão do "nós"*, – a intenção de associação, identificação e negociação por intermédio das comunidades virtuais –. Lipovetsky infere que no mundo contemporâneo “nasce uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer” (LIPOVETSKY, 2004, p. 61). No *Orkut* o sujeito traça seu perfil, e o primeiro item visível aos internautas é a descrição de si: “quem sou eu” .<sup>11</sup> Assim, deve-se dar *visibilidade* àquilo que supostamente define a identidade.<sup>12</sup> Destaca-se o *Orkut* como um dos suportes possibilitadores da expressão ou narrativa de si, correspondendo ao que Lipovetsky entende como processo de “personalização”, em que o valor fundamental seria “o da realização pessoal, do respeito à singularidade subjetiva, da personalidade incomparável” (LIPOVETSKY, 2005, p. xvii). Uma personalidade que deve ter como fundamento o fato de ser espetacularizada e estar sempre em configuração e por isso mesmo encontra-se constantemente (re)atualizada no perfil (RECUERO, 2010, p. 27).

Se de um lado temos esta necessidade de sublinhar o “eu”, de outro, a lógica de sociabilidade ocorre agora centrada na atração de sensibilidades – e não em uma ideologia comum –, o que Maffesoli chama em seus escritos de “neotribalismo”, então explicado por Featherstone, como laços de limites fluidos criados pelas pessoas, “a fim de vivenciar múltiplas atrações, sensações, sensibilidades e vitalidade de uma comunidade extralógica, a sensação de estarem juntos, o sentimento comum gerado por uma adesão emocional comum a um signo reconhecível por outros” (FEATHERSTONE, 1997, p. 72). Para Maffesoli, sem se referir necessariamente às comunidades virtuais, as novas formas de comunidade significam “compartilhamento de emoções” em uma espécie de “atmosfera emocional” onde o lúdico e o evanescente são pontos importantes (MAFFESOLI, 2006, p. 34).

---

<sup>11</sup> Somam-se muitos itens de identificação como, por exemplo: qual tipo de relacionamento amoroso procura; quais comidas, filmes, músicas e livros gostam; quantos amigos são capazes de ter; qual a orientação sexual, a religião, o estilo; quais os esportes e animais de estimação prediletos; o que atrai em um (a) parceiro(a); o “encontro” considerado ideal; o que não suporta e o que tem no quarto; opção política; idiomas que conhece, etc. Vale esclarecer que alguns perfis são anônimos e não foram considerados nesta pesquisa. Outros perfis são “*fakes*”, ou seja, são elaborações imaginárias do eu, que achamos por bem considerar, porque uma identidade inventada provavelmente corresponde ao que o sujeito quer ser, o que também implica na construção identitária.

<sup>12</sup> No *orkut*, a maioria das informações é pública, embora nem todos os campos do perfil sejam obrigatórios ou visíveis, uma vez que são abertas opções de chaves de privacidade em alguns deles. Apenas integra a seção “meus amigos” quem seja convidado ou adicionado. Quanto às comunidades virtuais, essas fazem parte da lista do *orkuteiro*, se ele solicita participação, sendo que em alguns casos, o(s) moderador(es) da comunidade precisa(m) dar o aval de participação para o solicitante.

No entanto, tanto a ideia de “personalização” de Lipovetsky como a ideia de “neotribalismo” de Maffesoli, embora importantes para pensar nossa formação cultural, não podem ser extremadas ou compreendidas como anomalia. O “imperativo da visibilidade do eu” (RECUERO, 2010, p. 28), as comunidades virtuais ou “reais” produzidas em torno do mero gosto ou da sensação, as postagens baseadas mais em reações do que na argumentação, são marcas de nossa cultura – que se inscrevem em especial no sujeito juvenil –, mas não bastam como suporte explicativo, pois há que se reconhecer a existência dos prós e dos contras destas características e também verificar se estas são apresentadas a todo o momento, em toda comunidade virtual e por todos os internautas.

Através das comunidades virtuais, ao postar um comentário, ao selecionar uma comunidade como “eu amo história” ou “eu odeio história”, o internauta está se apresentando ao mundo (virtual) esclarecendo a preferência ou não por essa disciplina escolar e está também explicando sua identidade e compartilhando repertórios.<sup>13</sup> Mais do que uma lista de *e-mails* ou de nomes cadastrados em um sítio, uma comunidade virtual envolve a pretensão dos membros em participar voluntariamente, de se expor, de realizar trocas, de discutir, mesmo que seja por intermédio de laços associativos pautados na interação reativa. Adicionar uma comunidade no *Orkut*, fazer parte dos *fóruns*, significa deixar públicas as ideias com as quais o *web* ator se identifica, fazendo com que este pense a si mesmo, sobre quem é, sobre aquilo que “ama” ou “odeia”, sobre o que faz ou não, sobre como se comportar em determinadas situações, sobre o que quer. A narração de si é significar-se na relação com o outro, e poucos espaços dão condições para esta exposição, esta afirmação de si, esta interação. Está em jogo a construção da(s) identidade(s) no vínculo com a(s) alteridade(s), e as comunidades virtuais funcionam como espaços onde se (re)criam elos imaginários que permitem “ligar” pessoas sob o sentimento de terem alguma coisa em comum, bem como para estabelecer e/ou negociar fronteiras entre quem está “dentro” e quem está “fora” de determinado grupo identitário, na medida em que quando se fala em identidade se fala também em diferença (SILVA, 2000, p. 81-85). Em especial, falar da história e seu ensino nestas comunidades é construir e reconstruir identidade(s), a consciência de si, na relação com o “Outro”, a alteridade, estabelecendo “um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo...” (RÚSEN, 2001, p. 58).

Aqueles que “amam” história costumam frequentar as comunidades que “odeiam” história e vice-versa, para argumentar a favor ou contra o ensino de história, o professor de história, a importância ou não da história para a vida dos sujeitos no presente. Quando um

---

<sup>13</sup> Além de adicionar os amigos e serem adicionados por eles, os *orkuteiros* adicionam-se às comunidades virtuais que lhe interessam. Cada *orkuteiro* pode tornar-se membro de quantas comunidades quiser e a variedade de grupos com objetivos distintos aos quais se cadastra apresenta inúmeras possibilidades de identificação.

internauta interfere na comunidade do outro, é habitual que haja réplica<sup>14</sup>, ou seja, neste jogo discursivo se instaura a afirmação/negação/negociação de identidades:

*Têm cara pra entrar na comunidade e escrever um post achando que estão conseguindo passar sermão em mais de 600 pessoas de uma só vez. Devem aprender poesia também pra poder escrever algo tão bonito e sem sentido como todos os adoradores dessa disciplina fazem por aqui”* (Internauta da comunidade “Eu odeio história” , fórum “Quais sao seus motivos contra a historia?, 16/08/2005)

Nos fóruns das comunidades que “amam” história, é comum que os internautas perguntem sobre um tema, em geral para dar conta de atividades escolares, para resolver questões de vestibular ou ainda, por curiosidade:

*[...] alguem pode me ajuda???? na escola o professor dividiu a sala em dois grupos para fazer um debate sobre capitalismo e socialismo. eu to no grupo do capitalismo!!!! o q eu posso dizer d bom do capitalismo e d ruim do socialismo? POR FAVOR ME AJUDEM!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”* (Internauta da comunidade “Eu amo história 1” , fórum “Alguem pode me ajuda???? 01/09/2009)

*Olá pessoal! Estou fazendo um trabalho sobre a ditadura no Brasil e do Chile. Qual a relação entre esta duas ditaduras? Qual foram os discursos ideológicos produzido por estes dois países? Por favor, alguém poder me ajudar? Obrigada”* (Internauta da comunidade “Eu amo história 1, fórum “Ditadura Chile x Brasil” , 27/12/2011)

*Eu tou no 9º ano. E eu estou com uma dúvida. Durante a república velha, houve uma coisa chamada de “ troca de favores ”, que era entre coronéis e os governadores estaduais. Mais tipo que os Coronéis intimidavam o voto dos eleitores, por ser ele aberto. Mais tipo que meu professor me disse que os Coronéis tipo que “ negociavam com os eleitores para votarem no candito indicado pelos coronéis. Qual tipo de negociação os coronéis faziam com os eleitores ?”* (Internauta da comunidade “Eu amo história 1, fórum “me explica” , 10/05/2012)

---

<sup>14</sup> Também muitos professores de história ou graduandos de história intervêm nas comunidades, mas como já dito, nesta pesquisa sublinho as intervenções de sujeitos da faixa etária dos 14-19 anos pertinente à idade escolar do Ensino Médio.

Através da interação nas comunidades virtuais, não importa se voltado para o entretenimento e/ou para a banalidade – o que não é o caso nas postagens acima – o jovem interage aprendendo história, pois precisa argumentar, narrar, (re)elaborar uma narrativa, solicitar informações, responder perguntas, defender ou criticar o ensino de história, o professor de história e os materiais didáticos. Existe nestas comunidades, uma pedagogia informal, tornando o sujeito “aprendiz” nas múltiplas relações interativas que estabelece com o mundo e com os outros, se “aprender for entendido, fundamental e genericamente, como processo no qual as experiências e as competências são refletidas interpretativamente” (RÜSEN, 2007, p. 94).

### ***O jovem fala da história e seu ensino***

Como já disse, as fontes virtuais como as postagens nos fóruns das comunidades são efêmeras e móveis. No entanto, o significado de “virtual” se não nos direciona para a ideia de “realidade”, no direciona para a ideia de “potencialidade”.<sup>15</sup> Não há como realizar uma tabulação exata sobre as respostas dos internautas às perguntas nas comunidades virtuais. Outro fator de variação seria a multiplicidade de elementos em uma mesma resposta, o que requer uma tabulação através de referências cruzadas. Assim, por aproximação e por cruzamento de dados, temos os seguintes números em relação às razões de se “amar” ou se “odiar” história:

**Tabela 2** - Razões para não gostar e para gostar de história (Fonte: Autora)

<b>Comunidades “eu odeio história”</b>		<b>Comunidades “eu amo história”</b>	
Professor(a) de história	36%	Gosto (livros, filmes, revistas, documentários, jogos)	53%
Não tem sentido estudar algo ou alguém que não existe mais	30%	Conhecer o diferente, o outro	28%
Metodologia	22%	Entender o presente, entender os “porquês”	20%
Muita leitura	5%	Professor(a) de história	10%

<sup>15</sup> No dicionário, alguns dos significados: Que não existe no momento, mas pode vir a existir; POTENCIAL; Diz-se de algo cuja concretização é tida como certa; Que existe somente como efeito de uma representação ou simulação feita por programa de computador (museu virtual; realidade virtual); Diz-se daquilo que está predeterminado e que contém as condições essenciais à sua realização; Suscetível de ser usado, de ser posto em funcionamento. (DICIONÁRIO Caldas Aulete, 2012).

Vários elementos podem ser levantados ao pesquisarmos os argumentos dos jovens sobre gostar ou não da história. Aqui vou me ater em dois pontos interligados: o(a) professor(a) e sua metodologia e o “sentido prático” da história.

É comum o professor ser responsabilizado por não motivar, não interessar, não provocar o “gosto” pela história: *“história é muito chato porque todo professor de história é muito chato”*<sup>16</sup>; *“A aula não me interessa nem um pouco. A professora não explica nada com nada. A professora é brega (mas não vem ao caso). Ela passa texto enormes pra copiar [...]”*<sup>17</sup>; *“pq é mto chato ter q ficar decorando as coisas.. ainda mais tendo uma professora péssimo pra explicar prefiro mat, fisik & quimiik”*<sup>18</sup>.

A relevância dada à história que o jovem manifesta nas comunidades virtuais é também relacionada aos “bons” professores de história:

*[...] através de um PROFESSORA(sim, com todas as letras maiúsculas) notei o quando me fascinava, ela ensina com vontade, sabe o que está falando, é dedicada, e o mais importante Gosta do que faz e sabe o que está fazendo ali, numa sala de aula...POR causa dela também pretendo fazer faculdade de História, e mudar o conceito totalmente errado que as pessoas ignorantes tem dessa ciência, o conceito de decoreba [...]* (Internauta da comunidade “Eu amo história” , fórum “Porque história?” , 28/03/2005)

E ainda:

*A História me fascina e pra mim naum há nd melhor do q estudar história e graças a Deus sempre tive excelentes professores q me fizeram entender q todos os fatos estão entrelaçados...Por isso quero deixar aki o meu mto obrigada para esses grandes professores: valeu Osório, Rubens, Edson, Júnior, Marcos, Cíntia, Fernando e todos os outros grandes historiadores espalhados pelo mundo!* (Internauta da comunidade “Eu amo história” , fórum “Porque história?” , 13/04/2005)

Em geral “odeia-se” o professor de história porque estes fazem “decorar” nomes, datas, fatos ou ler muito. Em resposta a uma pergunta, sobre o que levaria “odiar” história: *“Datas principalmente...Muita data e muita coisa q eh cobrada q num serve pra nada”*

<sup>16</sup> Internauta da comunidade “ Eu odeio historia” , fórum “História é muito chato” , 25/06/2006.

<sup>17</sup> Internauta da comunidade “Eu odeio história” , fórum “Quais são seus motivos contra história?” , 30/06/2005.

<sup>18</sup> Internauta da comunidade “Eu odeio história e geografia” , fórum “Pq você não gosta de Geografia E História?” , 17/01/2011.

<sup>19</sup>; “Não gosto de História e Geografia porque são duas matérias que entram com muita dificuldade na minha cabeça, são muitas datas, nomes e blablabla... algumas coisas entendo de primeira, outras só depois de um ano!!!:)” <sup>20</sup> Quanto à leitura: “tipo assim...porque a nerd (professora) faz a gente ficar lendo pra caramba” <sup>21</sup> e “pq o q eu leio naum entra na minha cabeça!” <sup>22</sup>.

As respostas dos que não gostam da história tinham uma regularidade: a relação com um ensino de história chamado de “tradicional” baseado em datas e nomes tidos como importantes a serem memorizados.<sup>23</sup> Portanto, a história “odiada” é a história escolar (ainda) “tradicional” . Diz Rüsen: o conhecimento histórico, não pode ser prescrito, para que o aluno não fique restrito à “adaptação funcional das competências de repetição” . Logo, a aprendizagem histórica precisa ser organizada de tal forma, que as informações sobre o passado sejam trabalhadas na “auto-atividade do aluno” e “sempre em vista dos problemas de orientação da vida prática presente” (RÜSEN, 2012, p. 62).

É possível concluir que a história quando é “amada” também engloba a história escolar (vide tabela 2), mas pautam-se muito mais nos debates, comentários, inserções de outros lugares de história, em especial, filmes, jogos eletrônicos e revistas de consumo onde seria possível ver a história com “gosto” . É frequente um internauta recomendar filmes e livros para o entendimento de um tema histórico. Um internauta indica, por exemplo:

*Hitler e o nazismo. Caras, pra entenderem bem o q aconteceu lá na alemanha das décadas de 20 e 30 e conhecerem legal quem foi Hitler, recomendo 3 filmes: Hitler, a ascensão do mal; Arquitetura da Destruição (documentário, ótimo pra entender o projeto político, social e economico do partido nazista); e A Queda: as últimas horas de Hitler. Uma boa pedida é o livro "Hitler venceu a Guerra" de Walter Graziano. (Internauta da comunidade "Eu amo história" , fórum "Hitler" , 07/01/2008)*

<sup>19</sup> Internauta da comunidade “eu Odeio História & Geografia” , fórum “Pequena reflexão” , 22/06/2006.

<sup>20</sup> Internauta da comunidade “eu Odeio História & Geografia” , fórum “Pq você não gosta de Geografia E História?” , 27/08/2010.

<sup>21</sup> Internauta da comunidade “Eu Odeio História & Geografia” , fórum “Pq vc6 odeiam história???” , 03/10/2008.

<sup>22</sup> Outro internauta da comunidade, “Eu Odeio História & Geografia” , fórum “Pq vc6 odeiam história???” , 29/08/2008.

<sup>23</sup> O ensino de história dito “tradicional” pode ser assim resumido: memorização e a aula expositiva como métodos de ensino-aprendizagem; o conhecimento histórico como verdade obtida através da neutralidade e objetividade do historiador; os documentos históricos como expressão direta da história; tempo histórico associado à cronologia linear-evolutiva; história nacional que buscava identificação com a civilização europeia e o destaque dado aos eventos políticos, às ações de indivíduos extraordinários (em geral, homens, brancos e cristãos) e a contribuição, sem conflitos, de brancos, negros e indígenas na formação e progresso da nação brasileira.

Por vezes há perguntas sobre o curso de história, como no *fórum* "Alguém aqui já pensou em se formar em História" .<sup>24</sup> Também se solicita indicações de filmes, revistas e livros, ou se faz crítica aos mesmos. Uma internauta percebeu um erro na imagem de capa de uma revista de consumo:

*[..] a revista GRANDES LÍDERES DA HISTÓRIA -MAIORES DITADORES,apresentou um erro na capa da revista,na capa aparecem 12 ditadores e um deles seria Getúlio Vargas,o no me esta certo mas foto é de Eurico Gaspar Dutra !!!! poo essa revista naum tem revisão?!?!?!?e o pior de tudo é queensistem no erro a imagem aparece na frente e no verso da revista,e dentro aparece maior com a seguinte legenda :Getúlio Vargas no Palácio do Catete no dia de sua chegada a capital federal !!! :@ (Internauta da comunidade "Eu amo história 1" , fórum "Erro histórico em revista de história!" 06/03/2009)*

O "gosto" quase sempre é um parâmetro, e poderíamos assim concordar com Maffesoli quando diz que "tribos" ou "comunidades" contemporâneas se pautam no lúdico e/ou na afeição (MAFFESOLI, 2006, p. 34), porém, isso não é indício de futilidade se considerarmos que o trecho acima é a sugestão de uma jovem estudante de Ensino Médio. Rüsen já em 1994 referia-se a este "gosto" como um fascínio crescente pela história, fora dos círculos acadêmicos (RÜSEN, 2009, p. 1). As formas de apresentação da narrativa midiática são muito mais compatíveis ao universo cultural do jovem, por isso, despertam este "gosto" , enquanto que na escola, existe outra formatação da narrativa.

A história escolar quando não tem significado para o internauta, seria porque as pessoas que viveram no passado já morreram: "eu odeio aula de historia por que eu nao sei pra que saber de uma pessoa que ja morreu a muito tempo atras.ninguem merece ficar ouvindo a pro falar disso é muito chatooooo" <sup>25</sup>; "Pra que saber de defunto?? pra queremos saber de pessoas que jah morreram, pra que ter que estudar sobre a vida de quem nem conhecemos??" <sup>26</sup>

Estudar o passado não tem sentido se ele não existe mais, ou seja, não é vista uma relação do passado com o presente, ou o passado passível de ser visto no presente, ou ainda, a "utilidade" de se conhecer o passado: "historia é a \*\*\*\* da aula mais irritante que existe e

<sup>24</sup> Comunidade "Eu amo história 1" , 08/04/2009.

<sup>25</sup> Internauta da comunidade "Eu odeio aula de história" , *fórum* "Vamos converça porque vc nao gosta de historia?" , 27/08/2010.

<sup>26</sup> Internauta da comunidade "Eu odeio aula de história" , *fórum* "Pra que saber de defunto?" , 05.04.2008.

que nujm vai ajudar em nd na minha vida” .27 Sobretudo, a história traz o sinal do “ultrapassado” , “Porque a gnt so istuda coisa veia q q a gnt tm a vr cum iss!! é um \*\*\*\*\*” .28

É habitual o uso de palavras que transgridem a “norma cultua da língua portuguesa” , mas predomina o sarcasmo, mesmo quando é para destacar que aprender história é algo sem propósito. Vejamos a seguir a descrição de uma comunidade:

*Pra vc que odeia a historia e acha que o rei Pepino o breve sofria de problemas sexuais, ou q num ta nem ai se a guerra dos 100 anos na verdade durou 116 ou acha q se o Conde D’eu ou não isso é problema dele, se vc é mais um que acha q o senhor feudal era um latifundiaro escravista ou que Niké é só uma marca de tennis, una-se a nós!!!* (Descrição da comunidade “Eu odeio história, 10/11/2004)

Também existe uma argumentação mais apurada em relação a não se gostar de história. O internauta a seguir, reclama o fato da história não cumprir a promessa de ser “*magistra vitae*” :

*O estudo da história é sempre justificado como algo que “evitará que cometamos os erros do passado”, mas teve um imperador romano lá que congelou os preços e gerou crise de abastecimento na cidade, mas isso não impediu Sarney (homem letrado e estudioso) de fazer a mesma coisa. **Ou seja, a única justificativa é falha**” .* (Internauta da comunidade “Eu odeio história” , fórum “Quais sao seus motivos contra a historia?, 13/03/2005)  
Grifo meu

De fato, seria ingenuidade achar que a história fornece “lições” . Para Sérgio da Mata, quando se diz que a história ensina, não podemos pensar que esta se baseia na previsibilidade e controle dos fenômenos, mas que ela possibilita sim, noções básicas que funcionam como “programas para a ação” (MATA, 2011, p. 67). Mas “traduzindo” as palavras acima do internauta, o conhecimento histórico deveria ter um “sentido prático” para ser “justificável” .

Sobre os membros de comunidades que “amam” , uma parte justifica dizendo que querem saber os “*porquês*” :

*simplesmente... a história é lanterna,a luz,a história nos fornece os "porquês" da vida,dos fatos,dos atos,dos costumes,enfim do mundo...pra mim **não teria sentido nenhum viver sem saber o porque do mundo,da vida,da***

<sup>27</sup> Internauta da comunidade “Eu odeio aula de história” , fórum “O que é história” , 02/06/2008

<sup>28</sup> Internauta da comunidade “Eu Odeio História & Geografia” , fórum “Pq vc6 odeiam história???” , 06/09/08.

*sociedade...* (Internauta da comunidade "Eu amo história 2" , fórum "Porque história?, 28/03/2005) Grifo meu

Ou então, para conhecer culturas diferentes:

*História eh o máximo!!! Eu gosto de História desde sempre. Conhecer povos diferentes, épocas diferentes, grandes homens e mulheres q romperam barreiras e q fizeram d suas vidas um exemplo para as gerações futuras. História é entender todas as fraquezas e virtudes da humanidade, é querer estar vinculado ao tempo...* (Internauta da comunidade "Eu amo história 2" , fórum "Porque história?" , 13/04/2005) Grifo meu

As considerações acima nos fazem ver que para "amar" ou "odiar" história, esta precisa "servir ao propósito de" , isto é, ter um "sentido prático" , seja para procurar explicar "o porquê do mundo" , seja para conhecer vidas que foram "exemplo para as gerações futuras" , enfim, para "estar vinculado ao tempo" .

Existem fóruns que discutem sobre quem é herói, sobre o herói predileto ou com qual herói gostaria de sair para conversar<sup>29</sup> e é comum o questionamento à edificação de personagens históricos e também o fato de entender que todos são heróis:

*Acredito que a sociedade deve ser construída por todos e que não necessitamos de heróis se de fato temos uma vida digna, mas em alguns momentos difíceis para homem considero que alguns se sobrepõem na luta cotidiana como por exemplo: Chico Mendes, para citar um brasileiro<sup>30</sup>* (Internauta da comunidade "Eu amo história 2" , fórum "Quais são os heróis(inas) da História?" , 27/06/2006)

O internauta às vezes critica a escrita "oficial" da história como construção visando um uso interessado do passado: "Desde quando a história teve heróis? Resumindo, isso é perda de tempo, pois os heróis que existem foram inventados" .<sup>31</sup>

Outro ponto repetidamente discutido é a importância das guerras para a história e/ou para o progresso

---

<sup>29</sup> Como é o caso da comunidade "Eu amo história 1" , fórum "Com que pessoa do passado vc conversaria?" , 05/09/2005.

<sup>30</sup> E ainda, nesta mesma comunidade e fórum. "Somos nós!! tendo consciência da nossa historicidade, cada um é o herói da própria história. cabe a todos possuir humildade e criar uma liga da justiça!! pensem nisso, é assim que se faz revolução!! :-)" 26/09/2005; "muitos foram,nós tb poderemos ser...pois a história é feita a partir de nossos atos.sejam eles para o nosso desenvolvimento ou não" 25/06/2006.

<sup>31</sup> Comunidade "Eu amo história 2" , fórum "Quais são os heróis(inas) da História?"

*[...] pessoal ... acho q vcs estao enganados ao falarem q as guerras foram um atraso total p/ humanidade... apesar de todos os efeitos negativos das guerras há de se lembrar também q elas trouxeram um avanço fantastico p/ a humanidade ....a 2ª guerra mundial por exemplo trouxe um aprimoramento na medicina q se não tivesse ocorrido vcs sentiriam mta falta..na história **temos sempre q olhar os dois lados da moeda ... não é mesmo?*** (Internauta da comunidade "Eu amo história 2" , fórum "Que fato vc gostaria q naum tivesse ocorrido???" , 14/10/2005) Grifo meu

Já outra internauta tem outra opinião, e meses depois escreve:

*Segunda Guerra Mundial!!!Se não tivesse ocorrido,nós o Brasil, não seríamos os "cachorrinhos" dos EUA!!! O judeus nao teriam sido massacrados...O Japão nao sofreria ate hoje em Hiroshima e nagasaki os efeitos da radiação...Pessoas ainda nascem com defeito lá por causa da radiação!!! **O mapa do mundo seria outro!!!!*** (Internauta da comunidade "Eu amo história 2" , fórum "Que fato vc gostaria q naum tivesse ocorrido???" : 11/05/2006) Grifo meu

Nestas e em outras postagens<sup>32</sup> é recorrente que se alerte sobre "os dois lados da moeda" , o que não deixa de ser uma tentativa de explicação histórica, uma postura crítica que supera a história tradicional como verdade única, mesmo que no exemplo acima a posição da internauta seja questionável. Na contraposição à noção de que a guerra possa trazer o "progresso" , outro internauta mobilizou uma série de conhecimentos históricos para levantar hipóteses. As duas postagens denotam a capacidade da internauta de analisar, avaliar, comparar e argumentar, que são operações mentais relevantes para a aprendizagem histórica (RÜSEN, 2012, p. 47). Sobretudo, as internautas articulam o passado com o presente e o futuro, ao refletirem sobre "o que fizemos para nos tornarmos o que somos e o que seremos" , e, esta reflexão atribui um "sentido prático" para o conhecimento histórico.

Abaixo, um trecho da postagem de uma internauta que demonstra a capacidade de crítica dos filmes americanos e mesmo os livros didáticos de história, como materiais com mensagens problemáticas:

*Eh impressao minha ou Nos filmes,principalmente os norte amricanos costumam mostrar os EUA como um belo pais alvo da inveja dos sub desenvolvidos, sempre tendo como mocinho um homem americano e integro o vilão sempre o Japones, cubanos os russo ou os arabes, Rambo vai resgatar seus amigos presos nas maos dos comunistas lah no Vietna alguem*

<sup>32</sup> Por exemplo, sobre Hitler, na comunidade "Eu amo história 2" , no fórum "Hitler" 10/02/2006.

*se perguntou o q ele foram fazer lah no pais dos ourtos??q dizer de Pearl Habor? os japones homens frios, q davam as ordens!os ataques japones eram mostrados nos filmes com toda crueldade ao passo q a replica americana passava de relance,seria esse filme uma justificativa pra as bombas de HIROSHIMA E NAGASAKI?? eu chamo de lavagem cerebral os livros escolares a Tv SEMPRE MOSTRA os socialistas fanaticos! uma forma de governo com altos impostos e ditadura .... (Internauta da comunidade "Eu amo história 1" , fórum "Lavagem Cerebral" , 05/08/2007)*

Um internauta, ao entrar em uma das comunidades das quais "odeiam" história como não membro, defende:

*Continuem odiando historia.... Mas sinto dizer, (1) mas se voces nao aprenderem os acertos do passado, vai ser dificil acertar no futuro. (2) Seus professores devem ser muito ruins mesmo para voces terem esse tipo de sentimento. A minhas perguntas são simples. (3) Vocês tem um parente que morreu? Lembram dele com carinho? (4) Você conta pra todo mundo como voce gostava de um pai, mãe, irmao, avô ou avó que infelizmente se foi? Isso é historia. (5) Você coloca fotos das ultimas festas que você participou no orkut, twitter, blog ou o que for?Isso é historia. Você ja (6) mandou uma carta de amor, ódio ou simplesmente escreve um diário? sinto muito, mas é historia tambem.Na verdade (7) vocês todos amam historia e não sabem, porque tudo que voce ja fez na vida e se lembra e repassa, você ta fazendo historia. (Internauta da comunidade "Eu odeio História e Geografia" , fórum "Continuem odiando história" , 15/07/09). Destaques numéricos meus*

O internauta começa sua narrativa apontando para o fato de que (1) a história ensina ou pelo menos está ligada à nossa intencionalidade, portanto, aos rumos tomados conforme nossas ações. Destaca que se o sujeito não consegue compreender que o raciocínio histórico está presente no cotidiano e serve para tomar decisões, e por isso "odeia" a história (2) não teve professores que o ensinassem de forma satisfatória. Continua defendendo a história como um modo específico de se relacionar com o passado, (3) de lembrar-se de alguém, e de (4) narrar o que se lembra, seja contando, seja (5) organizando fotos ou por intermédio de qualquer outro tipo de narrativa como (6) a escrita. Narrativas que quando fixadas em qualquer tipo de suporte, tornam-se evidências, ligações com coisas e pessoas do passado. Associa a escrita de um diário ao registro da inserção do sujeito no mundo e na temporalidade, ao ato de narrar a história dotando as experiências de sentido, tornando "presente o passado" (RÜSEN, 2001, p. 63). Finalmente, o internauta chama a atenção para (7) a história presente no dia a dia,

ou melhor, na consciência histórica como maneira subjetiva de lidar com a relação passado/presente/futuro.

Outro internauta concorda com os argumentos:

*Nossa Leonardo...vc deu uma aula de História...Mas acho q sei pq as pessoas dizem odiar história... pq até pouco tempo atrás era vista como disciplina meramente decorativa, porém, atualmente é importante q eles saibam q n se aprende história decorando e sim, compreendendo o contexto histórico...Quem odeia história, odeia a si próprio...pois quem é o agente ativo da história?Não seria o homem?Será q nós n fazemos história?E os fatos que acontecem em nossas vidas?tudo isso é HISTÓRIA... Quem estuda essa disciplina, torna-se uma pessoa crítica, capaz de questionar a sociedade na qual vivemos...n questiona por questionar, mas tem um fundamento... (Internauta da comunidade "Eu odeio História e Geografia" , fórum "Continuem odiando história" , 19/07/09)*

A internauta lembra que a história não pode ser "decorada" , o que implica em uma história "tradicional" , mas deve ser contextualizada, considerada como processo movido por todosos sujeitos, capaz de empreender a capacidade crítica fundamentada. Criticando a história como disciplina escolar, ou os professores de história e suas metodologias, a noção de herói, a questão da guerra como (também) propulsora do progresso, ou os materiais midiáticos e didáticos, o ponto de relação é o mesmo: o conhecimento histórico precisa ter conexão com a vida prática.

### ***Finalizando de forma não conclusiva***

O tempo e o espaço escolar, as metodologias de ensino, as representações sobre a escola e o aluno, os currículos escolares, permanecem limitados à racionalidade própria do século passado. Enquanto isso, em nossa cultura se apresenta o "pensamento cibercultural" , mesmo entre aqueles que não usam o computador, na medida em que o mundo digital interfere e influencia os modelos de interpretação, de conhecimento e de linguagem, além de que "contamina" outros materiais midiáticos. Não é minha intenção pressupor que a linguagem escolar deva adotar a formatação midiática para adequar-se ao modo que o aluno tem atualmente de apreender o mundo, mas apenas assinalar que talvez, como nos diz Maria Auxiliadora Schmidt, "face ao declínio da escola como instituição com a *função de*" ensinar, devamos entendê-la como "espaço de experiência (individual e social) dos sujeitos do conhecimento" , e assim, "o professor (historiador) não pode, em hipótese alguma, ser um

mero reprodutor/transmissor, depositador de conhecimentos, mas necessita estabelecer, em sua formação, uma relação orgânica entre ensino e pesquisa” (SCHMIDT, 2009, p. 11).

Segundo Rüsen (2012, p. 50), se “tematizarmos” o aluno, ou seja, se soubermos o que este sujeito pensa sobre história, podemos promover a aprendizagem histórica através da construção de “uma ideia de validade, com a respectiva segurança na discussão crítica com outros pontos de vista, que apenas a competência da argumentação histórica confere” (RÜSEN, 2012, p. 66). Aprender história então seria “atualizar os potenciais racionais” para o reconhecimento, adoção e defesa de convicções e pretensões (RÜSEN, 2010, p. 102) no sentido de produzir ações capazes da mudança de si e do mundo.

Assim, entendo que as noções dos alunos sobre história observáveis nos *fóruns* das comunidades “eu amo história” e “eu odeio história” podem ser aproveitadas pela escola nesta construção da literacia histórica (uma forma especificamente histórica de “ler” o mundo), não necessariamente com o uso da *internet*, mas sim no que diz respeito às novas formas cognitivas produzidas na cibercultura. E ainda, pautando-se em uma perspectiva (rüseniana) de que os conhecimentos históricos devem fazer sentido para a vida do aluno, ou seja, que o interesse cognitivo sobre o passado está atrelado às problemáticas e/ou carências de orientação no presente e às motivações que regem as ações e fomentam o futuro.

Apresento um quadro de aproximação da literacia construída na cibercultura – baseando-me em Ligia Capobianco (2010) –, com a literacia histórica, já que os resultados da pesquisa realizada, e parcialmente aqui apresentada, são indicativos da articulação destas literacias. O quadro mostra as possibilidades das sensibilidades, dos conhecimentos, das experiências produzidas na cibercultura, que não devem ser pensadas apenas em relação a quem utiliza a Internet, mas ao sujeito da cultura midiática. Sobretudo, é bom destacar que o sujeito que vive esta cultura midiática, a cibercultura, precisa ser melhor pesquisado nas suas possibilidades, e não tanto em seus limites.

**Tabela 3** - Aproximações da literacia digital com a literacia histórica

LITERACIAS	DIGITAIS	HISTÓRICAS
<b>Reelaboração</b>	Capacidade de criar novos significados e interpretações combinando informações pré-existentes	Capacidade de mobilizar saberes circulantes na sociedade construindo novos conhecimentos.
<b>Justaposição</b>	Saber utilizar estratégias de busca de informação e construção do conhecimento de forma não linear.	Saber utilizar estratégias de pesquisa, construindo um pensamento que supera a história como verdade única e a noção de temporalidade simultânea.

<b>Crítica</b>	Habilidade de filtrar, interpretar, avaliar e selecionar a informação de maneira crítica, de identificação das informações falsas, desnecessárias e parciais.	Habilidade de filtrar, interpretar, avaliar e selecionar a informação de maneira crítica, de identificação das informações falseadas, relativistas, preconceituosas e parciais.
<b>Imagética</b>	Aptidão para entender as instruções e mensagens visuais, o que exige aprendizado sincrônico, memória visual, pensamento intuitivo e associativo.	Aptidão para analisar documentos históricos que exige a mobilização de conhecimentos históricos, capacidade de crítica e pensamento associativo.
<b>Socioemocional</b>	Capacidade de crítica, de análise, de interatividade, de diálogo.	Capacidade de argumentar, de expor opiniões e debater ideias e de compreender o outro.

**Fonte:** Autora/Capobianco (2010).

## **Referências**

BARBOSA, António Francisco Dantas. *Conhecimento tácito substantivo histórico sobre o encontro entre povos e culturas: um estudo com alunos dos 7.º e 10.º anos de escolaridade*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação e Supervisão Pedagógica em Ensino da História) - Universidade do Minho, Braga.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. (Coord.) *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAPOBIANCO, Ligia. Abordagem multidisciplinar de literacia digital para pesquisa em comunicação. In PASSARELLI; AZEVEDO, José. (Org.). *Atores em rede: olhares luso-brasileiros*. São Paulo: SENAC, 2010.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Cartografando a gurizada da fronteira: novas subjetividades na escola. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (Org.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 269-294.

DICIONÁRIO Caldas Aulete. 2012. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em: 10 set. 2012.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-moderno e identidade*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1997.

GUZZI, Drica. *Web e participação: a democracia no século XXI*. São Paulo: SENAC, 2010.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento da era informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 14. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

LIPOVESTKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Baureri: Manole, 2005.

\_\_\_\_\_. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. In: BRASIL. Secretaria de Educação à Distância. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: SEED, 1999.

\_\_\_\_\_. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MATA, Sérgio da. Historiografia, normatividade, orientação: sobre o substrato moral do conhecimento histórico. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeci Lopes. (Org.). *Aprender com a história? o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 59-76.

PASSARELLI, Brasilina. Literacias emergente nas redes sociais: estado da arte e pesquisa qualitativa no Observatório da Cultura Digital. In: PASSARELLI, Brasilina; AZEVEDO, José. *Atores em rede: olhares luso-brasileiros*. São Paulo: SENAC, 2010. p. 63-78.

PISANI, Francis; PIOLET, Dominique. *Como a web transforma o mundo: a alquimia das multidões*. São Paulo: SENAC, 2010.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W. A., 2012.

RÜSEN, Jörn. ¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia". *Culturahistórica*. In: FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H. T.; RÜSEN, J. (Ed.). *Historische Faszination: geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, 2009. Disponível em: <<http://www.culturahistorica.es/ruesen.castellano.html>>. Acesso em: 28 set. 2012.

\_\_\_\_\_. *História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Literacia histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI. *História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História, Londrina*, v. 15, p. 9-21, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-101.

SOUZA, Regina Magalhães de. *Escola e juventude: o aprender a aprender*. São Paulo: Paulus, 2003.

TAPSCOOT, Don. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir, 2010

